

Elogio do fracasso¹

In Praise of Failure

Costica Bradatan*

RESUMO: Este artigo objetiva abordar a importância e o sentido do fracasso para as nossas próprias vidas, considerando a produção do conhecimento e estabelecendo um contraponto aos grandes avanços científicos nas mais diversas áreas. Para isso, parte da ideia de progresso infinito para chegar no pensamento de que a filosofia ocidental é o produto de uma série de fracassos, de onde vem a sua importância. Elabora então uma defesa do fracasso, abordando três argumentos: primeiro, o fracasso nos permite enxergar a verdadeira condição de nossa existência; segundo, o fracasso é essencial para o que somos; terceiro, somos destinados ao fracasso.

Palavras-chave: Fracasso; Conhecimento; Condição humana; Realização humana.

ABSTRACT: This paper aims to address the importance and the sense of failure for our own lives, considering the production of knowledge and establishing a counterpoint to the great scientific advances in several areas. For that, it starts from the infinite idea of progress to reach the thought that Western philosophy is the product of a series of failures, hence its importance. Then it prepares a defense of failure, addressing three arguments: first, the failure allows us to see the true condition of our existence; second, failure is essential to who we are; third, we are destined to fail.

Keywords: Failure. Knowledge. Human condition. Human achievement.

Se houvesse um momento para se pensar seriamente sobre o fracasso, seria agora.

Estamos consolidados numa era de progresso acelerado. Somos testemunhas do avanço na ciência, artes, tecnologia, medicina e de quase todas as formas de conquista humana em uma velocidade nunca antes vista. Sabemos muito mais sobre o funcionamento do cérebro humano e sobre as galáxias distantes do que os nossos ancestrais poderiam imaginar. A concepção de um ser humano superior – mais saudável, mais forte, mais inteligente, mais belo, mais duradouro – parece estar em construção. Até mesmo a imortalidade pode parecer exequível por agora, como um resultado possível de uma engenharia biológica cada vez melhor. Certamente é

¹Publicado originalmente no *New York Times* em 15 de dezembro de 2013. Traduzido por Prof^a. Ma. Nívia Maria Assunção Costa (IFG). Contato: profnivia@gmail.com. Revisado por Prof. Me. Geraldo Witeze Junior (IFG/UFG). Contato: woitze@gmail.com.

*Professor associado no Honors College da Texas Tech University. Editor da área de religião e estudos comparados do Los Angeles Review of Books. Contato: costica.brاداتan@ttu.edu.

fascinante a promessa de melhoria e progresso humano contínuos. Mas há também um perigo nisso, o fracasso se tornará obsoleto.

Por que deveríamos nos preocupar? E, mais especificamente, por que a filosofia deveria se preocupar com o fracasso? Não há coisas melhores para fazer? A resposta é simples: a Filosofia está na melhor posição para lidar com o fracasso por conhecê-lo intimamente. A história da filosofia ocidental, no mínimo, não é senão uma longa sucessão de falhas, talvez produtivas e fascinantes. Qualquer grande filósofo tipicamente se afirma abordando as “falhas”, “erros”, “falácias” ou “ingenuidades” de outros filósofos apenas para ser, por sua vez, rejeitado por outros como mais um fracasso. Cada nova geração filosófica assume como um dever apontar as falhas da geração anterior; é como se, independente do que fizer, a filosofia esteja fadada ao fracasso. No entanto, de fracasso em fracasso, a filosofia tem prosperado por séculos. Como Emmanuel Levinas memoravelmente acrescentou (em uma entrevista a Richard Kearney), “a melhor coisa sobre a filosofia é que ela falha”. O fracasso parece ser o alimento da filosofia, o que a mantém viva. É como se a filosofia só tivesse sucesso na medida em que fracassasse.

Então me permita argumentar sobre a importância do fracasso.

O fracasso é importante por várias razões. Eu gostaria de discutir três delas.

O fracasso nos permite desnudar a condição de nossa existência

Sempre que ocorre, o fracasso revela o quão próxima nossa existência está do seu oposto. Longe de nosso instinto de sobrevivência ou da simples cegueira, tendemos a ver o mundo como um lugar sólido, confiável e até mesmo indestrutível. E achamos extremamente difícil imaginar a existência do mundo sem nós. “É totalmente impossível para um ser pensante imaginar sobre a sua própria inexistência, sobre o término de seu pensamento e da vida”, observou Goethe. Como somos auto-iludidos, esquecemos que sempre estamos próximos do *não ser*. A falha de um motor de avião, por exemplo, poderia ser mais do que suficiente para pôr fim a tudo; até mesmo a queda de uma pedra ou os freios defeituosos de um carro poderiam ser suficientes. E embora não seja sempre fatal, a falha sempre traz consigo certo grau de ameaça existencial.

O fracasso é a entrada súbita do nada no meio da existência. Experimentar o fracasso é começar a ver as fissuras no tecido do ser, e é precisamente nesse momento que o fracasso, devidamente digerido, acaba por se tornar uma bênção disfarçada. Por estar à espreita, a ameaça constante deveria nos fazer ter consciência da qualidade extraordinária do nosso ser: o milagre de simplesmente existirmos quando não há nenhuma razão para isso. Saber disso nos dá certa dignidade.

Nesse sentido, o fracasso possui uma função *terapêutica* distinta. A maioria de nós (exceto os mais autoconscientes ou iluminados) sofre cronicamente de um desajuste existencial; compulsivamente nós supomos ser muito mais importantes do que realmente somos e nos comportamos como se o mundo existisse apenas por nossa causa; em nossos piores momentos, como crianças, colocamo-nos no centro de tudo e esperamos que o resto do universo esteja sempre a nosso serviço. Insaciavelmente devoramos outras espécies, retiramos a vida do planeta e o enchemos de lixo. O fracasso poderia ser um remédio contra tal arrogância e insolência, uma vez que o fracasso, já que frequentemente leva à humildade.

A capacidade de falhar é essencial para o que somos.

Precisamos preservar, cultivar e até mesmo valorizar essa capacidade. É crucial que permaneçamos fundamentalmente imperfeitos, incompletos, criaturas errantes; em outras palavras, que haja sempre uma lacuna entre o que *somos* e o que *podemos ser*. Quaisquer que sejam realizações humanas ocorridas na história, elas têm sido possíveis justamente por causa da existência dessa lacuna. É nesse espaço que as pessoas podem realizar qualquer coisa, tanto indivíduos quanto comunidades. Não é que tenhamos subitamente nos tornado melhores; continuamos a ser o mesmo material fraco e defeituoso. Mas o espetáculo de nossas deficiências pode ser tão insuportável que, às vezes, pela vergonha somos compelidos a fazer algo bom. Ironicamente, é a luta contra os nossos próprios fracassos que pode trazer o melhor que há em nós.

A lacuna entre o que somos e o que podemos ser pode ser também um espaço em que as utopias são concebidas. A melhor literatura utópica pode documentar detalhadamente a nossa luta contra o fracasso pessoal e social. Embora

frequentemente construídas em mundos de excesso e plenitude, as utopias são uma reação aos défices e precariedades da existência; elas são a melhor expressão do que mais sentimos falta. O livro de Thomas Morus não trata tanto de uma ilha imaginária, mas da Inglaterra de seu tempo. As utopias podem ser parecidas com celebrações da perfeição humana, mas lidas ao reverso são apenas admissões espetaculares de fracasso, imperfeição e constrangimento.

E mesmo assim é crucial continuarmos sonhando e tramando utopias. Se não fosse por alguns sonhadores viveríamos em um mundo muito mais torpe. Mas, acima de tudo, sem sonhos e utopias, nos esgotaríamos enquanto espécie. Suponhamos que um dia a ciência resolva todos os nossos problemas: seremos perfeitamente saudáveis, viveremos indefinidamente e nosso cérebro, graças a algum melhoramento, trabalhará como um computador. Nesse dia, poderemos ser algo muito interessante, mas não tenho certeza de que teremos algum propósito para viver. Seremos virtualmente perfeitos e estaremos essencialmente mortos.

Por fim, a nossa capacidade de falhar faz de nós o que somos; o fato de sermos criaturas essencialmente falhas está na raiz de qualquer aspiração. O fracasso, o medo dele e o aprendizado sobre como evitá-lo no futuro fazem parte de um processo do qual resultarão a condição e o destino da humanidade. Como sugeri anteriormente, é por isso que deveríamos – sem sombra de dúvidas – preservar a nossa capacidade de falhar, não importa o que digam os otimistas profissionais. Vale a pena valorizar isso, mais até do que obras de arte, monumentos ou outras realizações. Porque, em certo sentido, a capacidade de falhar é muito mais importante do que quaisquer realizações humanas individuais: é o que as torna possíveis.

Somos projetados para falhar

Independente do sucesso que alcancemos em nossas vidas / Não importa o quanto nossas vidas sejam bem-sucedidas, o quão inteligentes, diligentes ou esforçados sejamos, o mesmo fim nos espera: “o fracasso biológico”. A “ameaça existencial” desse fracasso está conosco o tempo todo, embora a maioria de nós finja não enxergá-la para sobreviver num estado de relativa satisfação. Nosso fingimento, no entanto, nunca nos impediu de ir em direção ao nosso destino; cada vez mais rápido, “em proporção

inversa do quadrado da distância da morte”, como habilmente Ivan Ilich descreve o processo. Todavia, esse personagem de Tolstói não ajuda muito aqui. A questão essencial é *como* lidar com o grande fracasso, como enfrentá-lo, abraçá-lo e aceitá-lo – algo que o pobre Ivan fracassa em fazer.

Um modelo melhor pode ser Antonius Block, do filme “O Sétimo Selo”, de Ingmar Bergman. Um cavaleiro que regressou das Cruzadas e que mergulhou numa crise de fé, Block é confrontado com o grande fracasso em forma de homem. Ele não hesita em enfrentar a Morte de cabeça erguida. Não foge, não implora por misericórdia – simplesmente a desafia para uma partida de xadrez. É desnecessário afirmar que ele não pode ter sucesso em tal jogo – ninguém pode – mas a vitória não é o ponto. Você luta contra o grande fracasso final não para ganhar, mas para aprender a falhar.

Bergman, o filósofo, nos ensina uma grande lição aqui. Nosso fim é o fracasso, mas isso não é a coisa mais importante. O que realmente importa é *como* fracassamos e o que ganhamos no processo. Durante seu breve jogo com a Morte, Antonius Block deve ter adquirido mais experiência do que na vida inteira; sem esse jogo ele teria vivido para nada. É claro, ele perde no final, mas realiza algo raro. Não só transforma o fracasso em arte, mas consegue fazer da arte do fracasso uma parte íntima da arte de viver.